

---

## AS HIPERCORREÇÕES DA ESCRITURALIDADE

Brigitte Schlieben-Lange\*

### Resumo

A partir dos conceitos de 'hipercorreção', 'semi-oralidade' e 'semi-culto', a autora discute a relação entre a oralidade e a escrita introduzindo os parâmetros de 'proximidade' e 'distância'. Mostra que a delimitação entre o oral e o escrito configura um espaço de intersecção bastante complexo, principalmente quando se consideram os aspectos mediais e da concepção.

Gostaria de propor uma interpretação medial<sup>1</sup> de um tipo de fenômeno para o qual propus, em alemão, o nome de "Bemühte Schriftlichkeit".<sup>2</sup> Esses fenômenos são conhecidos há bastante tempo e normalmente os atribuímos a certas tradições discursivas, especialmente às tradições jurídicas.<sup>3</sup> Tenho a impressão de que se trata de um fenômeno de uma abrangência bem maior, que ultrapassa o quadro de uma única tradição discursiva

---

\* Foi professora da Universidade de Tübingen. Este texto foi originalmente publicado em *Cahiers de Linguistique Française* 20, 1998, pp.255-273.

<sup>1</sup> N.T.: No original encontramos "médiale", adjetivo que se refere a "médium/média", do latim "medium/media", que significa 'meio(s)'. Optamos na tradução pela forma do português 'medial' para o adjetivo e mantivemos "médium/média" no francês, já que a autora faz a distinção entre "médium" e "moyen", bastante significativa em seu texto e que não nos permite a tradução por 'meio(s)'. Pareceu-nos redutora a tradução de "média" por 'mídia', na medida em que esta última traz uma cristalização no sentido de 'comunicação de massa'.

<sup>2</sup> Desde o início dos anos 80 emprego o termo 'semi-oralidade' como termo heurístico para designar o campo no qual se insere minha questão (Schlieben-Lange 1983a e 1983b). Em meus trabalhos sobre as conjunções (1991 e 1992), falo explicitamente do fenômeno que denomino em alemão "Bemühte Schriftlichkeit".

<sup>3</sup> Raible (1985) dá uma excelente visão/perspectiva do problema. No que concerne à importância do fenômeno na história das línguas romanas ver Selig (1992).

e que pode surgir de maneira poligenética. Como traduzir a expressão "Bemühte Schriftlichkeit"? Falo de técnicas da formulação por escrito que acentuam em exagero justamente aquilo que foi identificado como pertencendo tipicamente à escrita. Poderíamos, portanto, falar de uma escrituralidade<sup>4</sup> forçada, patente, à vista, exagerada. Poderíamos qualificar esse tipo de escritura de hipercorreta. Mas não se trata de uma hipercorreção da língua, e sim de uma hipercorreção da técnica da formulação por escrito.

### 1 Contextualização do Problema

Proponho dar corpo a uma intuição que temos sempre ao ler textos de principiantes na escritura (*semi-colti*).<sup>5</sup> Em geral, há duas possibilidades:

- ou nos encontramos em face de textos ilegíveis, não compreensíveis para os leitores que não têm conhecimento da situação de discurso (esse é o nosso caso enquanto leitores de textos históricos), e isso tanto pela falta de uma referencialização (não sabemos de que o autor fala), como pelo fato de as relações entre as diferentes proposições não estarem estabelecidas. Se fossem textos orais, enunciados em uma situação específica por interlocutores específicos, seriam perfeitamente compreensíveis.

- ou então, e é o caso que nos interessa no momento, confrontamo-nos com uma abundância, ou melhor uma superabundância de elementos que presumivelmente asseguram o caráter escrito de um texto.

Estamos frente seja a técnicas imperfeitas da escrita, seja a uma superabundância no emprego de certos meios que garantem a coesão textual. O primeiro caso se apresenta em alguns textos que recentemente foram objeto da atenção dos lingüistas, como os diários íntimos escritos pelos participantes da Revolução Francesa, ou os relatos de

<sup>4</sup> N.T.: Procuramos manter a diferença posta pela autora entre *écrit*, *écriture* e *scripturalité*, traduzindo esses termos respectivamente por 'escrita/o', 'escritura' e 'escrituralidade'.

<sup>5</sup> O termo 'semi-colti' é corrente na história social da Itália. Foi retomado em lingüística por Wulf Oesterreicher (1994 a e b) e sua aluna Eva Stoll (1997) no contexto da descrição de textos historiográficos dos *conquistadores*. N.T.: Mantivemos o termo, tal como a autora, em italiano.

viagem dos conquistadores espanhóis.<sup>6</sup> O segundo caso encontra-se muito em tradições discursivas<sup>7</sup> um pouco mais elaboradas, como os livros de família ou as crônicas oficiais. Mas os textos não são homogêneos a esse respeito: o mesmo texto pode ser ao mesmo tempo imperfeito e hipercorreto.<sup>8</sup>

Para configurar bem essas idéias, começarei dando alguns exemplos do fenômeno que me proponho a estudar. Delimitarei em seguida seu estatuto teórico. Finalmente, na última parte, apresentarei alguns argumentos que poderíamos adiantar contra a tese que vou defender.

## 2 Os Exemplos

Tomemos em primeiro lugar um texto que se encontra em um novo corpus organizado por Gerhard Ernst, datado de 1619, escrito em Poligny, na então província denominada Franche-Comté.

*Souvenance des actes heroiques des Jeunes gens de Poligny et de leur depourtement tant de iour que de nuict, et des larrecins qu'il ont faict, et de ce qui en est ensuivy. Premier iour de la nostre Dame de mars de l'an mil six cens dix neuf les venerables voleurs s'en allerent à Ia Doit ou illec monsieur Matal avoit une serve en laquelle i] y-avoit bonne quantite de poisson, comme mere carpes bruchet ses venerables vont de nuict rompre l'arche ou estoient lesdict poisson et prindre ce que leur estoit necessalre et des plus beau les fesant transpourter dchors de Poligny comme à Chamole et aultre part, pour savoir des nouvelle des poisson point mais Sieur*

<sup>6</sup> Sobretudo o jornal do vidraceiro Ménetra, editado por Daniel Roche em 1982, é um texto emblemático desse tipo de manuscrito (v. Schlieben-Lange 1995). Para outros textos revolucionários ver Koselleck & Reichardt (1988). Gerhard Ernst (1995 e 1997) acaba de apresentar o projeto de uma (re)edição de textos franceses dos séculos XVII e XVIII que apresentam esse tipo de escritura. Para outros exemplos Stoll (1997). Seria necessário acrescentar a tradição de análises de cartas escritas pelos *semi-colti* iniciada por Leo Spitzer, representada em nossos dias por Carla Cristilli (1993).

<sup>7</sup> Ver os exemplos em Jungbluth (1995), Pessoa (1997). Ver ainda a tradição alemã de pesquisa em sintaxe histórica (Betten 1987 e 1990).

<sup>8</sup> É o caso de muitos textos publicados por Jungbluth (1995), Stoll (1997), Pessoa (1997).

*Matal qui navoit point faute d'esprit rccour a monsieur L'official pour luy donner une excommunication pour savoir la verite, ce que luy fust octroyell et estant publie, i] y at tousiour des gens de bien l'on treuve les mal facteurs, id est les larrons et pour les nommer c'est Leonel Michiel filz de mestre Claude Michiel Procureur, l'autre c'est Benoit bernard, lautre est bernard Hugonnet filz de la fille bernard choux et lautre est le filz du Jeune folin qu'est courdier Lautre est anthoine Benoit filz de feu Francois Bcnoit pour qui estoit Je vicaire qui publia lcur communication [sic] c'estoit messire Jaques Febvret dict Guychard deplus iavois oublie que ses voleurs de poisson me firent un traict devant ma maison ou illec il y at une anonciade ces meschant nuictamment ietarent de la fange en derision et il y en avoit un nomme Callignere lors que lon me deroboit e'est un larron de son estat sans point faire de punition. (Journal de Guillaume Durand, Poligny, 1619)*

Esse é um excelente exemplo do tipo de texto que nos interessa. Por um lado, ele traz marcas da oralidade: a escrita segue o ritmo da fala: o autor não emprega de maneira consequente a pontuação, apesar de conhecê-la. As referências ficam muitas vezes incertas: luy, les venerables voleurs, ses venerables... Além disso, não há coerência no que concerne à origem do texto: no final do trecho, um 'eu' toma a palavra sem que se fizesse ouvir antes. Mas por outro lado o autor exibe uma certa cultura: emprega latinismos como *id est*, *illec* e grafias latinizadas. E, acima de tudo, ele se esforça muito, provavelmente com uma atitude irônica, para tornar claras as relações anafóricas: *une serve en laquelle, lesdict poisson*. Além do mais, o autor tenta encadear as proposições, seja por sintagmas relativos (*ce que*, *en laquelle*) e conjuncionais (*pour qui*), seja por construções em gerúndio: *les fesant transpourter, estant publie*.

Ressaltemos que não se trata ainda aqui de interpretar os dados, mas de concretizar uma intuição. No entanto, uma observação relativa à terminologia deve ser feita. Veremos que não se trata somente de terminologia, mas do ponto de vista que se adota. Propus, em 1983, o termo semi-oralidade para designar o tipo de fenômeno do qual nos ocupamos aqui.<sup>9</sup> Dali por diante, acostumamo-nos a falar de textos

<sup>9</sup>Ver nota 1.

semi-colti, semi-cultos<sup>10</sup> para evitar uma confusão entre os aspectos mediais e os aspectos da concepção da oralidade.<sup>11</sup> Voltarei mais adiante sobre o sentido desses termos e dessa distinção. Seguramente os dois termos (semi-oralidade vs. semi-colti) não recobrem os mesmos aspectos de fenômenos. O termo semi-colti refere-se à formação de autores/copistas e, por conseguinte, à sua familiaridade na utilização das técnicas da escrita. O termo semi-oralidade, pelo contrário, refere-se ao fato de que os textos em questão mudam de “médium”, e mesmo várias vezes.<sup>12</sup> No entanto, no que concerne ao nosso exemplo, não conhecemos a formação do autor<sup>13</sup> (seu estatuto semi-colto), mas provavelmente ele tem uma certa formação que explica as grafias latinizadas, e talvez, também, as técnicas anafóricas e integradoras. Mas, por outro lado, e esse seria o lado da semi-oralidade, é necessário considerar o aspecto medial. Provavelmente o texto integral está baseado em relatos orais, mas de qualquer maneira há partes que mudaram “de médium”: todas as que se referem ao testemunho direto.

Os trechos seguintes são tomados de um corpus de relatos de viagem de conquistadores espanhóis do século XVI.<sup>14</sup> Trata-se em nosso caso do conquistador Andrés Tapia:

*El cual salió de la isla de Cuba, que es en las dichas Indias [... I Llevaba el dicho marqués una bandera de unos fuegos blancos y azules é una cruz colorada en medio [... ] Salió de la dicha Isla de Cuba el dicho señor marques (AT, 554)*

*I,... e entrando por la cibdad salio la demas gente que en ella avie por sus escuadrones saludando a los espa?íoles que topavan los cuales ybamos en nustr orden e luego tras esta gente salie toda la gente ministros de Jos que siruicn a lo ydolos vestidos con ciertas vestimentas algunas çerradas*

<sup>10</sup> N.T.: Mantivemos os dois termos, tal como a autora no original.

<sup>11</sup> Ver nota 2. Trata-se da terminologia que empregam Koch e Oesterreicher (1985).

<sup>12</sup> Em meus trabalhos sobre a Revolução Francesa (1983b e 1996), dei alguns exemplos de “textos” que mudam várias vezes de “médium”.

<sup>13</sup> Tomei o texto do conjunto de exemplos de Gerhard Ernst, que sem dúvida poderia nos dar esclarecimentos mais precisos.

<sup>14</sup> Oesterreicher (1984b, 162 e 166) V. também Oesterreicher (1984a) e Stoll (1997).

*por delante com capuzes e los braços (sacados) fuera de las vestiduras e muchas madexas d algodón filado por orr(nrra)la de las dichas vestiduras e otros vestidos de otra mafias muchos de ellos [levaban cornetas e flautas taiendo e cierto ydolos cubiertos e muchos ençensarios. (AT, 573)*

Nesses textos, assim como no exemplo francês, encontramos, ao lado de algumas incoerências (los cuales ybamos), uma grande preocupação em garantir a coesão do texto por recursos anafóricos (el cual, el/la dicho/a). Além disso, novamente nos deparamos com construções em gerúndio, que são extremamente integradoras.

O procedimento anafórico é levado a um grau extremo em um texto inédito, editado e interpretado por Konstanze Jungbluth em sua tese. Trata-se de um livro de família escrito em 1730 na Catalunha (Sant Pere Pescador):

*En lo Dit Temps que lo Dit mon para estige en St. Pera Pescador Com he Dit encara que la Dita Sa mara estiges en esta casa, Ja ell se va enpenyar la aretat de torrocila afrancesch y Jauma oliva [...] tanve en Dit temps se va enpanyar Dos camps que te an Torro lo un es lo Camp Dit de la Confradia y lo altra lo Camp de Devant de la Casa de dit Torre Dit Jo Camp Buach per Ser estat de un tal Buach y otras Cosas. (Sebastià Casanovas 1730 Sant Pere Pescador)*

Como nos outros textos, trata-se de um exemplo sem pontuação. Essa passagem não apresenta dificuldades para a interpretação. Apesar de uma sintaxe extremamente simples, uma certa preocupação se mostra no encadeamento sintático (encara que) e sobretudo no emprego muito repetitivo de lo dit/ la dita para garantir a coesão do texto (co-referência), de modo que em pouquíssimas palavras ela não estará presente. O emprego de lo dit/la dita torna-se, de certa maneira, o próprio signo da textualidade.

Observemos agora um texto português, escrito no Brasil por um chefe de polícia que fala de seu esforço na busca para encontrar escravos foragidos. Trata-se de um exemplo tomado de um corpus organizado por Marlos Pessoa, formado por documentos produzidos em Recife na primeira metade do século XIX. É um texto que apresenta poucos problemas:

## Artigo d'Officio

*Ilm. Snr. - Sendo hum dos meos deveres vigiar sobre os Quilombos na conformidade da Ley mormente por se ter sumariado Vicente Ferreira pardo, e outros negros pela morte feita no dia 26 do p. p. Agosto deste presente anno no lugar de Aguasinha neste Destrjcto no preto forro de nome Joaco' de Angolla, que foi escravo do Convento de Santa Theresa de Olinda e pelo depoimento das testemunahs forao' sugeitos a prisao' e livramento. Depois q' entrarao' as tropas para baterem as mattas evadirao se este Vicente e o negro Bento escravo de Vicente Caetano, e mais dois que ainda os nao' pude pegar, e aquilombarao' se nas capoeiras deste Destricto, e tendo já officiado ao Commandante da Forsa que existe no Catucá, vi-me nas eircunnstancias de pôr emboscadas até os pegar, os quaes os remetto a disposição' de V. S. na conformidade da Ley a fim de conservar a paz, e o socego neste Destricto, pois que nao' ignoro os meios de dar as providecias uma vez q' a trinta e cinco annos tenho servido a Naçao. Deos Guarde a V. S.. Beberibe 6 de Desembro de 1835. Ilm. Snr. Dr. Joaquim Nunes Machado, Juiz de Direito e Chefe da Policia - Antonio Jeronimo Lopes Vianna, Juiz de Paz. (3-4) (Recife 1850)*

É evidente que o autor, também nesse caso, tenta marcar a co-referência por processos anafóricos: este Vicente. A coesão textual deve ser garantida pelos relativos (os quaes) e por construções em gerúndio (sendo, tendo). Um fenômeno que se faz notar nesse texto é a repetição pronominal dos objetos com o intuito de melhorar a compreensão: mais dois que ainda os não pude pegar, os quaes os remeto.

Vejamos ainda brevemente como um autor alemão resolve o problema da co-referência, em 1609:

*Der Marchese di Carravagio thut von Maylandt nach Polen reisen bey welchem der König in Spann'a demselben König und Königin stattliche pracsenten zuschickt I >S< una, gehet noch dle sag I weil der Niderlendische anstand beschlossen I so werden die Spanier ihre*

*Kriegsmacht auff Algieri oder Arace, den entwichencn König von Feez einzusetzen I anwendcn. >P< AuB Malta wirdt geschrieben I dal3 selbiger GroBmcister I ais er vernommen I das sich zu Constantinopoli bey dern general vber die Arnada permare, ein Ritter Maltcser ordens I so zu einem Mammelucken worden I befinde I so sich offerirt, wofern man ihm 100 Galleren vntergeb I so wolt er Malta mit einnemen I ... (Relation 99,36 - IIO,5)*

Assim como os autores francês, espanhol e catalão, o autor alemão se esforça em marcar a co-referência por um procedimento anafórico. Mas a maneira de exprimir é diferente: ao invés de *le dit, el dicho, lo dit*, encontramos *derselbe/selbiger*.

Os cinco textos que acabamos de examinar foram elaborados em línguas diferentes, épocas diferentes e também, em certa medida, pertencem a tradições discursivas diferentes (diário, relato histórico, livro de família, relatório). E, contudo, constatamos mais de um ponto de semelhanças surpreendentes. Os cinco textos provocam uma impressão ambígua. Por vezes, manifestam incoerências e vulnerabilidades na referencialização, comuns em textos desse tipo. Mas, ao mesmo tempo, podemos constatar grandes esforços, até mesmo exagerados, para tornar claras as referências e forçar a integração das proposições. Em todos os textos, com diferentes preferências e frequências, é claro, encontramos os mesmos procedimentos. A co-referência é estabelecida por pronomes demonstrativos, pela retomada pronominal e, antes de tudo, por procedimentos anafóricos explícitos (*le dit, derselbe*). A integração sintática se faz por meio de construções em gerúndio, por conjunções e sintagmas relativos, principalmente do tipo *lequel, el cual*. Todos esses procedimentos são empregados com uma frequência bastante grande, e mesmo extrema, como em Sebastião Casanovas, que raramente usa um substantivo sem *lo dit/la dita*.

### 3 Observações Teóricas

Essas reflexões se inserem no quadro teórico elaborado por Eugenio Coseriu, que distingue três aspectos na atividade de linguagem: a fala, a língua, o discurso ou texto. Minhas reflexões dizem respeito às técnicas universais da fala. Dispomos de um saber universal no que concerne a essas técnicas. Esse tipo de saber Coseriu denomina o "saber elocucional"<sup>15</sup>. São antes de tudo as técnicas de referencialização e de alterização.

<sup>15</sup> Coseriu (1988)



Sabemos como se deve falar das coisas de maneira a que os outros compreendam. Essa técnicas da fala faz uso dos campos/entornos ("Umfelder") que envolvem o sujeito em interação.<sup>16</sup> Contudo, essas técnicas estão estreitamente ligadas aos "médias" através dos quais as formulamos. Ao falar e ao escrever, fazemos uma análise da constituição dos "médias" empregados. Não é diferente com o telefone, o telegrama, o e-mail, etc.

Imaginemos um telefone munido de televisão. Para usá-lo adequadamente seria necessário analisar a nova situação. Ela nos imporia, por exemplo, condições relativas a roupa e comportamento. Mas, sobretudo, poderíamos mostrar alguma coisa e falar de experiências visuais comuns. Pouco a pouco nos habituaríamos ao novo "médium" e esses hábitos, como uma segunda natureza, funcionariam quase automaticamente e teriam um estatuto quase universal.<sup>17</sup>

No caso acima, assim como em todos os casos de mudança medial, fazemos uma nova análise que, uma vez realizada, permite-nos dominar o "médium" não importa em que língua. Isso quer dizer que não mudamos os hábitos se mudamos o idioma. Temos a possibilidade de aperfeiçoar nossas análises para melhor conhecer as possibilidades do "médium" e para melhor escapar às suas imposições.<sup>18</sup> Mas antes de adquirir os hábitos e antes de chegar à perfeição, nosso uso do novo "médium" estará marcado por hesitações e irritações. Nossas análises serão ainda insuficientes, ou melhor, podemos acreditar ter compreendido seu funcionamento, quando, de fato, apreendemos apenas alguns aspectos parciais que superestimamos.

Retornamos agora ao oral e ao escrito, na perspectiva de uma análise de constituição. Quais são as diferenças essenciais?<sup>19</sup> Aquele que escreve ao invés de falar (ou fala ao invés de escrever) deverá fazer implicitamente essa análise. É na perspectiva do semi-

<sup>16</sup> Coseriu (1955/56).

<sup>17</sup> Tentei dar uma interpretação em termos de história universal do que Coseriu chama os universais da fala (1983a).

<sup>18</sup> Michael Giesecke mostrou muito bem que a exploração do funcionamento da tipografia se fez por um período que corresponde a três gerações (Giesecke, 1991).

<sup>19</sup> Para análises anteriores, Schlieben-Lange (1983a e 1990) e Klein (1985). Será muito interessante tentar integrar nossa abordagem e a de Konrad Ehlich (1983 e 1994) baseada na teoria dos atos de fala. Os parâmetros formulados por Koch e Oesterreicher (Koch & Oesterreicher 1985, Koch 1986, Koch & Oesterreicher 1990, Koch & Oesterreicher 1994) referem-se às situações de comunicação e não ao funcionamento dos "médias".

colto e da semi-oralidade (cf. a diferença mencionada anteriormente) que abordamos a questão.

Quais meios empregar? Em primeiro lugar a produção. Quando falamos trabalhamos o corpo inteiro: os gestos e a mímica ao mesmo tempo que a voz, que será uma voz jogando com as possibilidades dos elementos supra-segmentais: acentuação, entonação, ritmo, altura, vocalização... Quando escrevemos só dispomos da mão e de seus prolongamentos mecânicos ou eletrônicos. Quanto à recepção, percebemos sinais visuais e auditivos, e até outros ainda. O leitor, em compensação, está reduzido a seus olhos. Poderíamos refinar essa análise falando das formas intermediárias, como a leitura em voz alta ou o telefone, que também são suscetíveis de uma análise da constituição. Para alguém que apenas sonde as possibilidades do novo "médium", a análise dos meios levará à questão de saber como podemos suprir a perda de informação visual e supra-segmental. Como mostrar um franzir irônico das sobrancelhas, como manter a entonação crescente que indica uma pergunta, no "médium" da escritura?

Em seguida vem a temporalidade diferente, sob dois aspectos: a permanência e a linearidade. A oralidade é fugidia, em compensação a escritura é permanente, o que leva a estratégias totalmente diferentes de planejamento e de correção. Essa permanência da escrita será rapidamente percebida como um ganho. A submissão da oralidade ao tempo está também na base de sua linearidade, esta multiforme, como vimos. Em compensação, a escrita reduz a pluralidade corporal, ela é, nesse sentido, ainda mais linear. Mas ela oferece uma possibilidade nova, a de uma leitura (e de um planejamento) que ultrapassa a linearidade e intervém em várias dimensões. As possibilidades dessa organização pluridimensional só serão exploradas gradativamente<sup>20</sup>.

No que concerne ao sujeito, ele está presente na oralidade com todas as suas emoções, seu saber, sua autoridade e sua responsabilidade. Ele pode ser interrogado e pode ser levado em conta. Em compensação, na escrituralidade é o próprio texto que deve responder a todas as questões. O texto deve ser autônomo; a produtividade do leitor entrará onde o texto solicitar. Para um principiante na escritura coloca-se o problema de formular o

---

<sup>20</sup> Remeto às intensas discussões que foram consagradas à temporalidade dos sistemas semióticos durante o século XVIII (Lessing, Ideólogos, Mercier).

texto de maneira a que ele traga todas as informações necessárias para uma interpretação autônoma<sup>21</sup>.

Isso nos leva às diferenças de uso do entorno no que concerne ao oral e ao escrito. Em primeiro lugar isso diz respeito à situação e ao contexto. Além disso, os saberes locais deverão dar lugar a saberes mais gerais. Será sobretudo a perda da situação como espaço de referência que será sentida. O problema se coloca, pois, para os autores, no sentido de saber em que medida o que está subentendido deverá ser explicitado. A tendência é de ancorar os pontos de referência no próprio texto, portanto trocar a dêixis que remete à situação pela dêixis textual, anafórica.

		oralidade	escrituralidade
<b>Meios</b>	Produção	o corpo todo os gestos a voz os olhos/	a mão e seus prolongamentos
	Recepção	os ouvidos	os olhos
<b>Tempo</b>	<i>-linearidade</i> <i>-duração</i>	linear fugidio	linear+holístico permanente
<b>Sujeito</b>		garante o texto	autonomia do texto
<b>os entornos</b>		situação saberes locais	contexto saberes generalizados

Os problemas que o escrever coloca são portanto os seguintes:

- como suprir as informações perdidas? Os processos de exploração levarão não a

<sup>21</sup> Schlieben-Lange (1994).

suprir os procedimentos perdidos, mas à descoberta de possibilidades bastante ricas, até então desconhecidas.

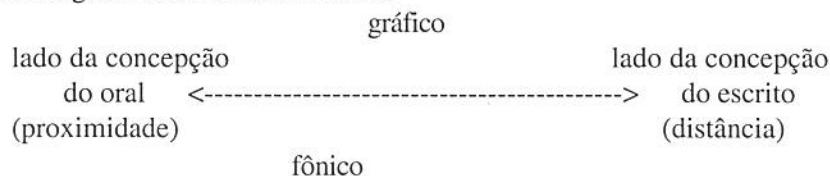
- como construir o texto de maneira a que ele se sustente sem a presença do autor (autonomia)?

- em que medida tornar explícitos os entornos?

Os textos que apresentamos nos mostram um estado intermediário: o déficit da pontuação nos faz ver uma situação na qual ainda não foi estabelecido um sistema suplementar à entonação. A vontade de tornar o texto autônomo e de explicitar os entornos é o resultado da análise da constituição da escrita, caso ela tenha sido realizada. Eventualmente encontramos-nos em face de textos equivalentes aos discursos orais, e conseqüentemente incompreensíveis. Se houve uma análise, os autores prestarão grande atenção aos procedimentos de referência e aos procedimentos de junção; disso resultará uma presença marcante de todos os procedimentos suscetíveis de tornar mais claras as co-referências e as junções.

A análise que acabamos de apresentar corresponde em parte às proposições de Peter Koch e de Wulf Oesterreicher, proposições que nossos dois colegas e amigos formularam a partir de 1985, sobretudo no que concerne à distinção entre os aspectos universais (que, em minha opinião, fazem parte de uma lingüística da fala, fala baseada sobre uma análise constitutiva de suas condições mediais)<sup>22</sup> e os fenômenos que pertencem a esta ou aquela língua histórica. Contudo, no que diz respeito a outras proposições feitas por esses autores, eu me mostraria mais reticente.

Os dois autores fazem uma distinção estrita entre os aspectos mediais e os aspectos de concepção da oralidade e da escrituralidade, seguindo as proposições de Ludwig Söll. Haveria uma escolha binária no que concerne ao lado medial, enquanto o lado da concepção seria organizado de maneira escalar:



<sup>22</sup> Não saberíamos insistir tanto sobre a necessidade dessa distinção como o fez Johannes Kabatek (1993) referindo-se a Schlieben-Lange (1983).

Quanto ao lado da concepção, os dois autores enumeram uma lista de parâmetros situacionais - aos quais corresponderia uma gama de escolhas de estratégias lingüísticas.

Vemos bem por que a distinção entre "médium" e concepção tem razão de ser: antes de mais nada, muitas vezes encontramos-nos frente a "discursos mistos" que, empregando o mesmo "médium", apresentam traços de concepção opostos (um discurso elaborado lido em voz alta; uma carta, porém informal do ponto de vista da concepção). Além disso, essa distinção permite conceber uma oralidade elaborada<sup>23</sup> e uma oralidade fictícia.

Essa distinção útil leva os dois autores a evitarem os conceitos oral e escrito quando trata-se do domínio da concepção: eles preferem falar de proximidade e distância. Daí a crítica ao conceito semi-oralidade, que apagaria a distinção posta entre "médium" e concepção. Sobre a base dessa distinção os dois autores estabelecem uma sistematização de transições possíveis<sup>24</sup>:

oral ⇒ escrito	Verschriftung	proximidade ⇒ distância	Verschriftlichung
escrito ⇒ oral	Verlautung	distância ⇒ proximidade	Verlautlichung
que poderíamos tomar por			
grafar		escrever	
vocalização		oralização	

Apesar da utilidade evidente do trabalho de sistematização elaborado pelos dois colegas, gostaria de formular aqui algumas observações:

1. A separação estrita entre o medial e a concepção leva os autores a qualificar as relações que existem entre oral (medial) e proximidade (da concepção), de um lado, e escrita e distância, de outro, como simples afinidade. Em minha opinião, essa relação é muito mais estreita: as imposições e as possibilidades da concepção provêm justamente de traços constitutivos do "médium". É o que tentei demonstrar e ilustrar na primeira parte de minha exposição. Obviamente, não se trata de uma determinação absoluta, mas

<sup>23</sup> Já apresentei, em 1983, a idéia de que a oralidade simples e ingênua é apenas o resultado de uma redução da oralidade ao informal, historicamente recente.

<sup>24</sup> Essa sistematização proposta por Koch (1987) foi retomada por Oesterreicher (1993). Ver também a introdução e as contribuições em Schlieben-Lange (1997) (éd.).

de um saber elocucional oriundo de uma análise constitutiva das condições mediais da fala. Se cortamos esse laço, os parâmetros das estratégias da concepção tornam-se arbitrários.

2. Tenho dúvidas quanto ao aspecto escalar no domínio da concepção. Trata-se, sem dúvida, de situações complexas que podemos tentar classificar por uma combinação de parâmetros situacionais. Mas no que diz respeito às decisões de concepção temos, da mesma forma, decisões binárias: ou disponho da voz e de suas possibilidades supra-segmentais, ou devo procurar outras soluções. Ou estou preso na linearidade unidirecional da oralidade com todas as imposições da concepção que ela implica, ou então posso dispor das estratégias de planejamento que a permanência da escritura me abre, com todas as possibilidades de correção que ela implica. Ou posso defender pessoalmente meu texto, ou devo formulá-lo de modo a que ele se explique por si próprio. Ou posso referir-me à situação ou isso me é impossível<sup>25</sup>. Pode bem acontecer de eu não chegar a uma boa solução imediatamente, com minhas hesitações e dúvidas - como meus textos mostram -, mas não é questão de uma decisão escalar, e sim da busca de uma solução coerente e adequada.

3. No que concerne à sistematização das transições, as transições mediais não trazem problema: podemos ler um texto escrito em voz alta e podemos transcrever um discurso oral. O caso das "transições" da concepção é muito mais problemático: raros são os casos em que há de fato transformação de qualquer coisa que existisse antes<sup>26</sup>. Na maioria das vezes, o escrever e o oralizar fazem com que criemos algo de novo, e isso porque nos entregamos às possibilidades do "médium" e submetemo-nos às suas imposições. É justamente o problema (e a sorte) dos semi-colti explorar essas condições.

4. Os problemas dos textos aqui apresentados, em geral, não são problemas de língua (pode também haver, mas não são os traços mais visíveis), são um problema de coerência (o critério de atividade do falar, segundo Coseriu). É necessário desconfiar, nesse contexto,

---

<sup>25</sup> Os dois autores admitem, por outro lado, o aspecto não-escalar do parâmetro "raum-zeitliche Nähe oder Distanz der Kommunikationspartner", Koch & Oesterreicher (1994: 588), Oesterreicher (1993: 270).

<sup>26</sup> Esses casos existem, como o demonstram as explicações da Constituição durante a Revolução Francesa (Schlieben-Lange 1989 e 1994). Mas também nesse caso as transformações da concepção são acompanhadas de um processo de "Aufklärung".

do critério de correção<sup>27</sup>. O discurso falado (ou de proximidade) funciona nos entornos da situação, da prática<sup>28</sup> e do saber local. Se tentamos restituir a situação e as condições da performance lendo os textos em voz alta, tornam-se perfeitamente compreensíveis e coerentes. Muitas vezes, há coerência da fala onde há incoerência da escrita.

#### 4 As Objeções Possíveis

Para terminar, procurarei responder a duas objeções possíveis:

4.1. Por que os textos em questão são tão heterogêneos no que concerne às técnicas de referencialização e de junção?

Responderei que a produção de um texto escrito, de todo ato de formulação, é um trabalho complexo. Enquanto não conseguirmos um uso seguro (o hábito) do "médium", será necessário concentrar-se nas atividades exigidas.

Isso implica o fato de que vamos nos concentrar neste ou naquele aspecto (negligenciando outros, que escapam à atenção). Prestamos atenção no que julgamos pertinente, em vista de um uso coerente do novo "médium". Concentramo-nos, pois, em alguns problemas e procedimentos que julgamos serem cruciais, e isso a um tal ponto que chegamos a uma hipercorreção.

4.2. Os fenômenos enfatizados não vêm de tradições discursivas, tais como as tradições dos textos jurídicos e administrativos, como tradicionalmente supomos?<sup>29</sup>

A essa questão responderei com duas coisas:

- é bem possível que os autores tenham estado sob a influência desses modelos. Mas nesse caso a pergunta se desloca e ressurgue: por que essas tradições se constituem dessa maneira? Seriam então os agentes dessas tradições que iriam sentir a necessidade de garantir a autonomia do texto escrito<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> Algumas vezes Oesterreicher (1994b) tem tendência em falar de correção gramatical quando é muito mais uma questão de coerência (no plano da atividade da fala).

<sup>28</sup> Emprego o conceito de prática aqui no mesmo sentido de Bühler, tal como foi retomado por Ehlich (1983) e Schlieben-Lange (1983 a).

<sup>29</sup> Ver Stoll (1997: 81).

<sup>30</sup> Recentemente, Wulf Oesterreicher fez uma proposta muito pertinente com relação a isso: poderíamos constatar a emergência de estratégias discursivas bastante gerais visando à autonomização do texto escrito ou, inversamente, à contextualização. Os fenômenos que discutimos pertenceriam às estratégias de autonomização. Resulta a questão teórica, inquietante, de saber se podemos manter a distinção entre os níveis da fala e do discurso/texto.

- mas mesmo se não conhecêssemos essas tradições, a análise da constituição levaria às mesmas interrogações. Uma poligênese das hipercorreções em questão seria perfeitamente possível, e o fato de que nossos exemplos provêm de lugares e séculos totalmente diferentes sugere origens poligenéticas.

Em todos os casos, é necessário esclarecer os fatos e estabelecer as distinções necessárias. Por outro lado, podemos supor que existam também fenômenos de oralidade patente, como propôs Isabel Zollna, que constatou um uso muito marcado, até hipercorreto, de alguns procedimentos supra-segmentais em discursos orais do tipo ritual e repetitivo<sup>31</sup>.

**Nota:** Expus minhas reflexões sobre a “escrituralidade patente” no colóquio “Langue écrite et langue parlée dans le passé e dans le présent”, realizado em Nápoles, em março de 1997.

Tradução: Suzy Lagazzi-Rodrigues\*

#### Résumé

À partir des concepts de "hipercorrectisme", "semi-oralité", "semi-colti", l'auteur discute la relation entre oralité et écrit en introduisant les concepts de "proximité" et "distance". Elle montre que la délimitation entre oral et écrit forme un espace d'intersection assez complexe, principalement si l'on considère les aspects de média et conceptionnels.

#### Bibliografia

- Assmann, A.; Assmann, J. & Hardmeier, Ch. (éds.) (1983) *Schrift un Gedächtnis*. München.
- Assmann, J. (1992) *Das kulturelle Gedächtnis*. München.
- D'Achille, P. (1990) *Sintassi del parlato e tradizione scritta della lingua italiana*. Roma.

<sup>31</sup> Zollna (1997).

\* Agradeço a Claudia Castellanos Pfeiffer e Carmen Zink Bolognini as sugestões feitas a esta tradução e a Alain François a assessoria técnica em questões fundamentais desta tradução.



- Barton, D. (1994) *Literacy*. London.
- Bet-Ren, A. (1987) *Grundzüge der Prosasyntax*. Stilprägende Entwicklungen vom Althochdeutschen zum Neuhochdeutschen. Tübingen.
- Betten, A. & Riehl, C. M. (1990) "Neuere Forschungen zur historischen Syntax des Deutschen". *Referate der Internationalen Fachkonferenz Eichstätt 1989, Reihe Germanistische Linguistik*. Tübingen.
- Coseriu, E. (1955) "Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar". *Romanistisches Jahrbuch VII*. 29-54.
- Coseriu, E. (1988), "Sprachkompetenz". *Grundzüge der Theorie des Sprechens*. Weber, Tübingen, Basel.
- Cristillic, C. (1993) "Epistolari popolari. Analisi linguistica e semiologica di una testualità fra oralità e scrittura". *Questioni di genere*. Napoli. 313-331.
- Ehlich, K. (1983) "Text und sprachliches Handeln", in ASSMANN; ASSMANN & HARDMEIER, 24-43.
- Ehlich, K. (1994) "Funktion und Struktur schriftlicher Kommunikation", in GÜNTHER & LUDWIG, 18-41.
- Ernest, G. (1995) "Zur Herausgabe autobiographischer NonStandardtexte des 17. (und 18.) Jahrhunderts: für wen? wozu? wie?", in MENSCHING, G. & RÖNTGEN, K.-H. (éds.) *Studien zu romanischen Fachtexten aus Mittelalter und früher Neuzeit*, Hildesheim. Olms, 45-62.
- Ernest, G. (sous presse) "Problèmes d'édition de textes à caractère privé des XVII et XVIIIe siècles".
- Giesecke, M. (1991) "Der Buchdruck in der frühen Neuzeit : eine historische Fallstudie über die Durchsetzung neuer Informations- und Kommunikationstechnologien, Frankfurt a.M".
- Günther, K. B. & Günther, H. (éds.) (1983) "Schrift - Schreiben Schriftlichkeit. Tübingen.
- Günther, H. & Ludwig, O. (éds.) (1994) *Schrift und Schriftlichkeit*. Berlin.
- Jungbluth, K. (1995) *Die Tradition der Familienbücher*. Tübingen, Niemeyer.
- Kabatek, J. (1993) "Wenn Einzelsprachen verschriftet werden, ändern sie sich", in BERKENBUSCH, G. & BIERBACH, C. (éds.) *Soziolinguistik und Sprachgeschichte: Querverbindungen*. Tübingen.
- Klein, W. (1985), "Gesprochene Sprache - geschriebene Sprache". *Zeitschrift für*

*Literaturwissenschaft und Linguistik (LiLi)* 59, 9-35.

Koch, P. (1986) "Sprechsprache im Französischen und kommunikative Nähe". *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur* 96, 113-154.

Koch, P. (1987) "Distanz im Dictamen". *Habilitationsschrift Freiburgl Breisgau*.

Koch, P. & Oesterreicher, W. (1985) "Sprache der Nähe - Sprache der Distanz". *Romanistisches Jahrbuch* 36, 15-43.

Koch, P. & Oesterreicher, W. (1990) "Gesprochene Sprache in der Romania". Tübingen.

Koch, P. & Oesterreicher, W. (1994) "Schriftlichkeit und Sprache", in GÜNTHER & LUDWIG, 587-604.

Koselleck, R. & Reichardt, R. (1988) "Die Französische Revolution als Bruch des gesellschaftlichen Bewusstseins". *Vorlagen und Diskussionen der internationalen Arbeitstagung am Zentrum für interdisziplinäre Forschung der Universität Bielefeld*, 28. Mai - 1. Juni 1985. München.

Oesterreicher, W. (1993) "Verschriftung und Verschriftlichung im Kontext medialer und konzeptioneller Schriftlichkeit", in SCHAEFER U. (éd.), *Schriftlichkeit im frühen Mittelalter*. Tübingen, 267-292.

Oesterreicher, W. (1994a) "El español en textos escritos por semicultos. Competencia escrita de impronta oral en la historiografía indiana", in LLDDTKE, J. (éd.), *El español de América en el siglo XVI*. Frankfurt, 155-190.

Oesterreicher, W. (1994b) "Kein sprachlicher Alltag - Der Konquistador Alonso Borregán schreibt eine Chronik", in SABBANA & SCHMITT CH. (eds.), *Sprachlicher Alltag*. Tübingen, 379-418.

Oesterreicher, W. (1998) "Textzentrierung und Rekontextualisierung", in EHLER CH. & SCHAEFER U. (éds), *Verschriftung und Verschriftlichung*. Tübingen, 10-39.

Pessoa, M. (sous presse) "Die Entstehung einer urbanen Norm in Recife", in *19. Jahrhundert, Diss.* Tübingen.

Raible, W. (1985) "Nominale Spezifikatoren ('Artikel') in der Tradition lateinischer Juristen oder Vom Nutzen einer ganzheitlichen Textbetrachtung für die Sprachgeschichte". *Romanistisches Jahrbuch* 36, 44-67.

Schlieben-Lange, B. (1983a) "Traditionen des Sprechens". Stuttgart.

Schlieben-Lange, B. (1983b) "Schriftlichkeit und Mündlichkeit in der Französischen

- Revolution”, in ASSMANN, A.; ASSMANN, J. & HARDMEIER, CH. (éds), München, 194-211.
- Schlieben-Lange, B. (1989) “Die Sprachpolitik der Französischen Revolution - Uniformierung in Raum, Zeit und Gesellschaft”, in *Die Französische Revolution - Impulse, Wirkungen, Anspruch. Vorträge im Sommersemester 1989 (Sammelband der Vorträge des Studium generale der Ruprecht-Karls-Universität)*. Heidelberg, 75-92.
- Schlieben-Lange, B. (1990) “Zu einer Geschichte des Lesens (und Schreibens)”, *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte* 14. 251-267.
- Schlieben-Lange, B. (1991) “Les conjonctions dans les langues romanes”, in STAMMERJOHANN H. (éd.), *Analyse et synthèse dans les langues romanes et slaves, Ve colloque international de linguistique slavo-romane, Bad Homburg, 9-11 octobre 1989, (Tübinger Beiträge zur Linguistik, 347)*. Tübingen, 27-40.
- Schlieben-Lange, B. (1992) “The history of subordinating conjunctions in some Romance languages”, in GERRITSEN, M. & STEIN, D. (eds.). *Internal and External Factors in Syntactic Change*. Berlin/New York, 341-354.
- Schlieben-Lange, B. (1994) “Promiscue legere und lecture publique”, in GOETSCH P. (éd.), *Lesen und Schreiben im 17. und 18. Jahrhundert. Studien zu ihrer Bewertung in Deutschland, England, Frankreich*. Tübingen, 183-194.
- Schlieben-Lange, B. (1995) “La construction des champs déictiques dans la semi-oralité”, in VAN DEYCK R. (éd.), *Diachronie et variation linguistique*, Gent, 115-128.
- Schlieben-Lange, B. (1996) “Idéologie, révolution et uniformité de la langue”, *Liège*.
- Schlieben-Lange, B. (éd.) (1997) “Verschriftlichung”. *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik LiLi IOS*.
- Selig, G. M. (1992) “Die Entwicklung der Nominaldeterminanten im Spätlatein: romanischer Sprachwandel und lateinische Schriftlichkeit”, *Tübingen, Narr, (ScriptOralia 26)*.
- Stoll, E. (1997) “Konquistadoren als Historiographen”. Tübingen.
- Zollna, L. (1997) “Prosodische Gestaltung in ritualisierten und repetitiven Sprechweisen Eine vergleichende Untersuchung zu Wiederholutig und Expressivität”. *Die Eucharistie-Formel, das Vaterunser, Durchsagen und Verkaufsrufe im Spanischen, Französischen, Englischen unddeutschen, Habilitationsschrift Tübingen*.